

ECONOMIA / TEMA DO DIA

INSTABILIDADE

Apesar de estar menos vulnerável, a economia brasileira ainda sofre com a falta de mudanças nas legislações tributária e previdenciária

Reforma, garantia maior

EDNA SIMÃO

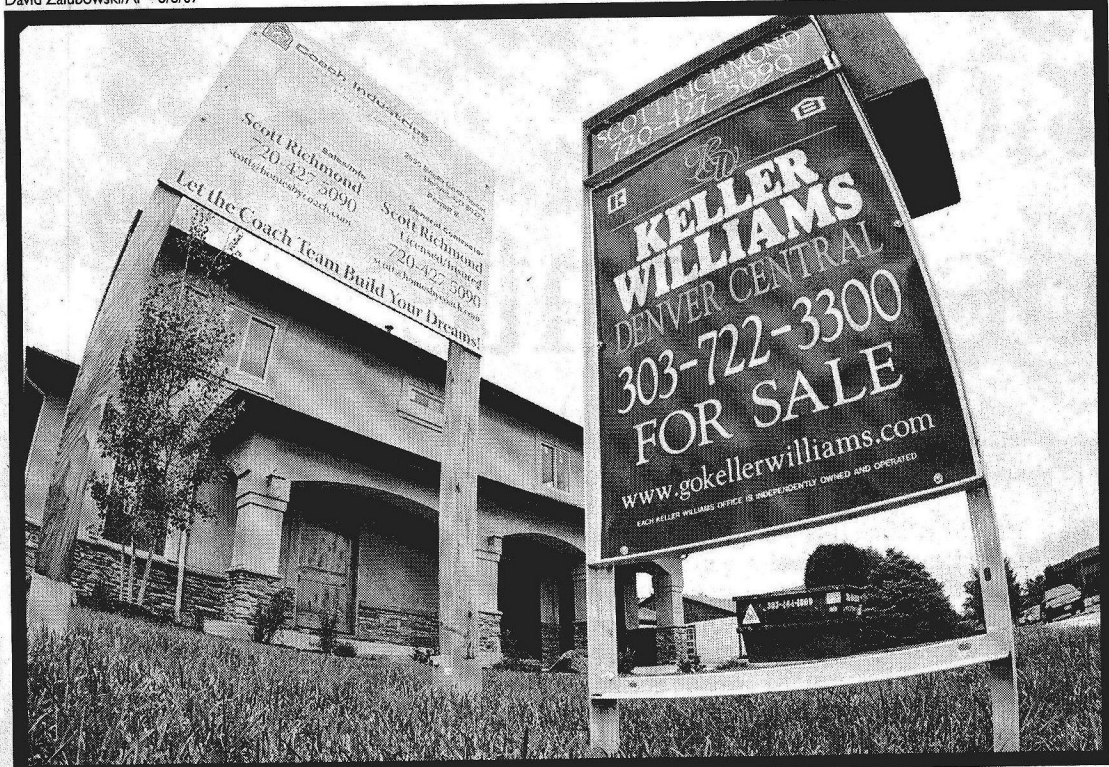
DA EQUIPE DO CORREIO

A falta de reformas essenciais — tributária, previdenciária e trabalhista — para sustentar o crescimento econômico brasileiro no longo prazo pode tornar o país menos competitivo na hora de atrair novos investidores estrangeiros, depois de passada a turbulência no mercado internacional. A crise no setor imobiliário norte-americano, que acabou por derubar bolsas no mundo todo no final da semana, mostrou que o Brasil se blindou e está menos vulnerável. Por outro lado, deixou claro que o país se esqueceu de dar andamento a projetos que incentivam o maior crescimento econômico e, conseqüentemente, a entrada de mais recursos estrangeiros para o setor produtivo.

Os economistas de mercado ouvidos pelo Correio são unânimes em dizer que a situação econômica do país melhorou nos últimos anos, porém, se as reformas tivessem sido aprovadas no Congresso Nacional, esse avanço teria sido bem maior. A blindagem construída pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva se deu pelo elevado patamar de reservas internacionais — algo em torno de US\$ 160 bilhões —, controle da inflação e recorde nas exportações. Os números invejáveis, no entanto, não garantem um fluxo mais robusto de investimentos para o país assim que o nervosismo internacional passar.

Na avaliação do economista da Mauá Investimentos, Caio Megale, em um momento de crise, os

David Zalubowski/AP - 8/8/07



CRISE IMOBILIÁRIA NOS EUA, COM FORTE INADIMPLÊNCIA NAS HIPOTECAS, AFETA INVESTIMENTOS NO BRASIL

investidores funcionam apenas com o lado psicológico e saem em manada de uma aplicação que tenha a possibilidade de registrar prejuízo. Depois, com os ânimos controlados, refazem suas posições. É nesse momento que as reformas institucionais pesam. Elas oferecem uma perspectiva maior de crescimento econômico, o que alavanca o retorno da aplicação.

“No curto prazo, o Brasil sofreria da mesma forma que os outros ao enfrentar a crise porque o psicológico é que faz a diferença. No médio prazo, porém, poderia trazer mais investidores para o

país”, afirma. A economista-chefe do Banco Fibra, Maristella Ansanelli, concorda com Megale. Segundo ela, se as reformas tivessem sido aprovadas o país estaria bem melhor para enfrentar as turbulências internacionais. “O Brasil estaria bem mais blindado com as reformas”, ressalta.

As reformas dão sustentabilidade ao crescimento econômico e aliviam os investidores do peso da elevada carga tributária do país — que segundo número preliminar do governo deve encerrar 2006 representando 34,5% do Produto Interno Bruto (PIB) —, da buro-

cracia de abrir e fechar empresas e do alto custo de contratação do trabalhador. Apesar dos benefícios, o governo federal deixou claro que não tem dado prioridade a essas mudanças. No primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, houve indícios de que muitas reformas seriam implementadas. No que diz respeito à reforma trabalhista, foi criado um fórum nacional de debates, com participação de representantes do governo, empregador e trabalhador, para elaboração de um texto de reforma que nunca saiu do papel.

ENTENDA A CRISE

O que são as hipotecas de alto risco?

Conhecidas como subprime, são créditos concedidos a clientes que não têm boa avaliação de crédito nos EUA e, por isso, não conseguiam financiamento para comprar a casa própria. Para aumentar os ganhos, os bancos passaram a atender essas pessoas.

O que aconteceu com essas hipotecas?

Desde junho de 2004, o banco central americano começou a elevar os juros básicos em 0,25 ponto percentual ao mês, continuamente. A taxa saltou para 5,25%. Como as hipotecas subprime costumam ter taxas pós-fixadas, os financiamentos ficaram caros e muitos clientes não conseguiram mais arcar com suas prestações.

Por que a economia brasileira e mundial podem ser afetadas?

Se houver restrição de crédito generalizada nos Estados Unidos, será um duro golpe para o crescimento americano. A expansão nos EUA é movida por crédito e consumo. A queda no preço de imóveis também afetará o consumidor, já que muitos refinanciam suas hipotecas para obter recursos e comprar mais. Como os EUA são a maior economia do mundo, um freio no país teria impacto para todo o mundo.